

Linguagem parasitária¹

Dana Amir,² Haifa, Israel

Resumo: A autora aborda o fenômeno da linguagem parasitária. Trata-se de uma linguagem que parasita as estruturas linguísticas do outro, criando, assim, uma manifestação dupla de onipotência e impotência; uma linguagem que forma uma espécie de “prótese” linguística, que, por um lado, permite uma falsa aparência de pensamento e linguagem e, por outro lado, posiciona os pensamentos como objetos estranhos que não pertencem ao sujeito que fala, mas que estão “colados” a ele de modo mecânico e artificial. As raízes precoces dessa linguagem, conforme será demonstrado por meio de um caso analítico detalhado, estão associadas à infiltração de vestígios traumáticos transgeracionais dentro da linguagem, o que transforma a própria linguagem em uma arena de compulsão à repetição que encena simultaneamente atos de salvação e de aniquilamento.

Palavras-chave: linguagem parasitária, trauma transgeracional, onipotência, perversão

Yan, solteiro, no final dos seus 50 anos, procurou análise há cerca de três anos devido a uma sensação de profundo desespero. Ele ocupa um cargo científico de destaque, mas sente ser responsável por conquistas que não são realmente suas. Durante sua trajetória, ele falsificou e inflou partes de seu histórico profissional, ensina áreas nas quais acredita não ter nenhum conhecimento sólido, e é considerado um bom professor porque consegue criar uma falsa aparência de inteligência e erudição – embora, na realidade, sinta que não sabe nada. Entre outras coisas, ele é autor de artigos que obtiveram grande sucesso em sua área, mas que, na verdade, são remendos, foram compostos a partir de ideias de outras pessoas, que ele habilmente soube disfarçar, apropriando-se delas.

Ele é filho único de pais sobreviventes do Holocausto: o pai trabalhava como simples operário, sendo percebido como fraco e “sem qualidades”; a mãe era instruída e violenta, e de diversas maneiras exercia controle castrador tanto sobre o marido quanto sobre o filho. Desde a infância, a mãe mantinha

1 Texto extraído do livro da autora intitulado *O exílio do corpo falante* (2023), ainda não editado em português.

2 Psicóloga clínica e analista com funções didáticas na Sociedade Psicanalítica de Israel. Professora titular da Universidade de Haifa. Poetisa e pesquisadora de literatura. Autora de livros de poesia, autoficção e psicanálise. Vencedora de diversos prêmios, entre os quais o Frances Tustin (2011), o Hayman (2017) e o do Fórum Internacional de Formação Psicanalítica (2017), concedido a formadores distintos em psicanálise.

Yan sempre perto dela, estabelecendo com ele uma relação marcada por uma proximidade intensa, porém perversa. Por um lado, compartilhava com ele seus interesses e suas mazelas; por outro, abusava dele emocionalmente. Um exemplo marcante disso – e reiterado ao longo de sua infância – era quando a mãe encenava situações durante as refeições. A comida era servida para todos à mesa, exceto para ele. Quando Yan, faminto, pedia sua porção, ela respondia: “Mas você já comeu. Isso não é para você. Todos aqui ainda não comeram, mas você já comeu”. Ela o deixava chorando, com fome e frustrado, até que, horas depois, finalmente lhe servia a comida. Essas cenas se repetiam, com variações, durante sua primeira infância. Ele nunca conseguiu compreender se, nesses momentos, a mãe criava essas cenas como uma espécie de “jogo” cruel e suplicante, ou se de fato ela acreditava, de modo psicótico, que ele já havia comido e o via como uma ameaça à própria satisfação.

Durante a adolescência, a mãe passava longas horas ao lado dele, introduzindo-o a temas intelectuais que a interessavam. Eles assistiam a palestras, ouviam concertos e participavam de jogos de perguntas e respostas. Para Yan, havia um grande descompasso entre momentos de intimidade – marcados por sua postura silenciosa e sua escuta passiva, enquanto a mãe falava quase exclusivamente a partir de si e sobre si mesma – e momentos nos quais ele ousava expressar uma necessidade ou emitir uma opinião própria, produzindo nela diversas reações de desprezo e humilhação.

O sofrimento que levou Yan a buscar análise está profundamente vinculado à sensação de que jamais terá chance ou será capaz de realizar seu potencial. Ele se sente vazio, não tem o que dizer, não é capaz de pensar. Para ele, tudo o que realiza no mundo é uma espécie de fraude: uma repetição ou reciclagem de ideias e materiais já existentes. Embora consiga enganar os outros, ele sabe dessa sua verdade insuportável.

Ele tem um histórico de diversos tratamentos que, em sua opinião, não resultaram em mudança nenhuma. Nesses tratamentos, ele habilmente identificou o que interessava ou atraía seus terapeutas, com frequência por meio da observação obsessiva de sua linguagem corporal e suas expressões faciais, e forneceu-lhes isso – mas ao preço de ele mesmo se sentir vazio, explorado e abandonado. Mantém relações semelhantes com os alunos. Com grande habilidade, percebe o que necessitam da parte dele e finge ser generoso ao atender seus desejos, mas na realidade usa-os para se sentir existindo, mesmo que por um momento, através deles. Ele os faz dar nascimento a algo (um projeto científico bem-sucedido, uma nova ideia de pesquisa); assim, os amarra a ele de maneira mágica e ilusória, mas no final sente-se usado e apagado por eles. Cada vez que essa interação acontece, ele se enche momentaneamente de uma sensação de onipotência e depois se esvazia, em uma experiência de impotência total.

Sua busca por análise está parcialmente relacionada à esperança de que o enquadre analítico o direcione para si mesmo – ou seja, o vire para dentro e o libere, pelo menos em certa medida, da fixação compulsiva que ele descreve nos desejos do outro. Mas, precisamente por essa razão, ele experimenta a análise como tortura. Como não vê meu rosto, tem dificuldade em identificar “o que eu preciso da parte dele”, ou seja, encontra dificuldade em identificar a fresta pela qual pode se infiltrar em mim. Sua experiência comigo é de que eu não existo, e portanto ele também não existe.

À medida que o tempo passa, começo a reconhecer em suas estruturas linguísticas padrões sintáticos semelhantes aos que uso. Trata-se de uma qualidade evasiva e enganosa, pois Yan não “cola” grosseiramente partes da minha fala na superfície da sua fala, mas se instala de forma encoberta nos espaços da minha linguagem, adotando de maneira sofisticada, provavelmente de modo inconsciente, metáforas semelhantes às que uso, estruturas sintáticas que, de uma forma ou de outra, lembram o meu modo de falar. A princípio, isso desperta em mim uma vaga sensação de proximidade. Conforme a análise se desenvolve, porém, essa semelhança cria uma sensação de angústia, até mesmo de claustrofobia, como se algo na semelhança linguística estivesse se fechando sobre mim, me sufocando, às vezes me levando até a uma reação contrária, de usar uma linguagem estranha a mim mesma (por exemplo, gírias ou um registro linguístico mais baixo do que o típico para mim) – para me diferenciar ou para criar um espaço onde eu possa me mover livremente.

Quando Yan sente que estou me afastando, ele reage com explosões de ódio, o que raramente acontece cara a cara. Em geral, ele apresenta isso na sessão seguinte àquela em que sentiu que eu estava quebrando o pacto de semelhança entre nós – cartas que ele lê em voz alta, nas quais zomba de mim, me humilha, cita as coisas que eu disse e as estraçalha em pedaços. Esses momentos me ensinam algo sobre a função dessas regiões de parasitismo em impedir o contato com áreas de ódio e inveja. Enquanto compartilhamos a mesma linguagem, ele sente que meus pensamentos também são dele, que compartilhamos não apenas uma linguagem comum, mas uma espécie de “mente” comum, alimentada por ambos. Contudo, no momento em que atualizo minha separação – e de certa forma reivindico a posse da minha linguagem e dos meus pensamentos –, eu exponho sua dependência de mim e desperto seu ódio. Isso é obviamente semelhante às cenas que ele descreve com a mãe, nas quais ele é desprezado e humilhado, na verdade expulso do vínculo com ela, sempre que ousa reivindicar sua separação.

Thomas Ogden, no texto “Sobre três formas de pensar” (2010/2016), discute o que ele denomina *pensamento mágico*. Este é um pensamento que tem um único objetivo: evitar confrontar a verdade da experiência interna e externa do sujeito. O caminho para alcançar isso é criar um estado de espírito

no qual o sujeito acredita estar criando a realidade em que ele e os outros vivem. No extremo desse tipo de pensamento, a pessoa está em um estado de espírito delirante, que a desconecta da realidade externa. Ogden sugere que o estado de espírito mágico se relaciona à inveja do que os outros têm, e à fantasia de que se pode tomar isso deles e estragá-lo.

No caso de Yan, o estado delirante se manifesta no pensamento de que está mentindo para o mundo o tempo todo, ensinando aos alunos coisas que ele mesmo não sabe, criando uma realidade na qual os outros são controlados por ele de forma absoluta e não percebem a fraude que cria por meio deles. Já a inveja se expressa enquanto ensina aos alunos coisas que ele mesmo não sabe – na verdade, Yan “planta” neles conhecimento falso e os “estraga” também enquanto sujeitos pensantes. Sua raiva e seus sentimentos de exploração e abandono estão associados, de maneira semelhante à sua raiva contra mim, à revelação da separação de seus alunos em relação a ele. Pois, às vezes, eles de fato se tornam sabedores – ou criam –, apesar do conhecimento falso que implantou neles, e assim o deixam duplamente vazio: tanto do conhecimento verdadeiro quanto do poder de plantar neles conhecimento falso e transformá-los em seres vazios como ele.

Em um de nossos encontros, ocorre o seguinte diálogo:

YAN: A vida inteira eu uso diversos meios “implantados” para conquistar mulheres que, de outra forma, não olhariam para mim. Eu identifico uma brecha na mulher à minha frente e a atravesso para penetrar nela, mas com meios furtivos, que não me pertencem de fato. E, de repente, percebi e compreendi que isso também acontece com você. Eu não estou preocupado comigo mesmo e com o meu tratamento, mas sim tentando desvendar você, penetrar em você. [Silêncio.] Você sabe qual é o meu maior problema com você? Eu não identifico o que você quer de mim. Ou seja, eu presumo que você precise de algo de mim – caso contrário, não teria me deixado estar aqui –, mas eu não consigo entender o que é. Por isso, faço investigações sombrias sobre você e espio você sem que você saiba.

DANA: Você está tentando encontrar uma brecha por onde se infiltrar dentro de mim. Talvez porque você não sinta que tem permissão para ser curioso a respeito de mim de forma saudável, curioso como a criança que, curiosa pelo espaço interior da mãe, quer saber quem ela é e, ao fazer isso, também ganha permissão para conhecer a si mesma e o mundo.

YAN: Eu nunca fui essa criança a quem permitiram saber. Minha mãe me forçou a conhecê-la. Só era permitido conhecer a ela. Eu não tinha permissão para conhecer mais nada, muito menos a mim mesmo.

A única maneira de existir é através de um outro, que Yan vê como possuidor de um desejo com o qual ele pode se conectar – ou, na verdade, em que ele pode se instalar. A pergunta que o guia não é “Quem é ele?”, nem “Quem sou eu?”, mas “O que eu quero dele?”. Se ele souber o que desejo dele, poderá se alinhar em relação ao meu desejo e existir (mas também se apagar) por meio desse alinhamento. Dentro desse mecanismo, eu não sirvo como um objeto pelo qual Yan conhece a si mesmo; antes, sou um objeto que se impõe, similar à sua mãe, como o único horizonte de todo o saber, desse modo impedindo a existência de qualquer outro objeto que se possa conhecer.

Nos termos de Bion (1959, 1962a, 1962b, 1970), podemos pensar na primeira cena que Yan descreve como uma perturbação relacionada à posição do objeto primário enquanto objeto que conhece e faz conhecer. Enquanto o curso normal do desenvolvimento implica que o objeto permita ao sujeito infantil conhecê-lo, concedendo, por meio desse conhecimento, a liberdade curiosa da criança para se conhecer e conhecer o mundo, o que acontece no caso da linguagem parasitária é que o objeto primário se propõe como o único objeto de conhecimento do sujeito infantil: só é permitido conhecer a ele. Qualquer outro conhecimento que o sujeito tenha sobre o mundo e sobre si mesmo é proibido ou barrado. A única linguagem que pode se desenvolver em tais condições iniciais é uma linguagem que imita a linguagem do objeto, de uma maneira que anula qualquer tipo de alteridade ou separação. A mãe, na verdade, se instala na linguagem da criança como um parasita, mas essa relação parasitária torna a linguagem da criança também parasitária, existindo apenas na medida em que se instala nos espaços linguísticos da mãe.

Nessa cena maligna, o pensamento se torna o que é chamado de *processo que ocupa o lugar*, em vez de um processo vivo. No processo que ocupa o lugar, há um objeto central de pensamento (a mãe) que produz metástases e cria objetos secundários à sua imagem, enquanto imita o processo natural de desenvolvimento do pensamento e da linguagem – mas, na realidade, o bloqueia.

Como isso acontece?

De acordo com Piera Aulagnier (1975/2001), a criança com potencial psicótico nasce em um universo de *não desejo* da mãe pelo filho. Às vezes esse não desejo é consciente, e outras vezes é disfarçado, revelando-se apenas por meio de comportamentos violentos diversos. A origem desse não desejo da mãe pelo filho, segundo Aulagnier, encontra-se em um desejo único: o desejo da mãe de repetir o prazer de seu próprio parto, ou seja, nascer novamente através – e, na verdade, no lugar – da criança que ela dá à luz. Nesse sentido, Aulagnier argumenta que o recém-nascido é fruto de uma relação incestuosa encoberta entre a mãe e a mãe dela, à qual ela deseja dar o bebê ou a bebê, que na realidade é ela mesma. Assim, o desejo da mãe de nascimento de si mesma é, na verdade, um desejo de morte direcionado ao recém-nascido, porque o

desejo da mãe em relação à criança não é pela sua vida, como um sujeito com sua própria existência e futuro, mas pelo nascimento de um objeto por meio do qual ela poderá reproduzir o seu passado.

Aulagnier atribui grande importância ao papel da mãe como “portadora da palavra”: enquanto a psique do bebê é sem linguagem e imatura em termos de sua capacidade de pensar, a mãe tem um pensamento maduro e uma linguagem desenvolvida, que ela “impõe” à psique impotente do bebê, a qual se torna saturada com isso. Não se trata de uma situação patológica, mas do que Aulagnier chama de *violência primária*, que caracteriza, na verdade, o início da vida de qualquer ser humano. No entanto, no caso de um ambiente com potencial psicótico, há uma imposição excessiva da psique da mãe sobre a psique imatura da criança. Nesse estado, a mãe exige que a realidade seja percebida e compreendida apenas da maneira como ela a constrói. A criança não tem permissão para atribuir seu próprio significado ao que apreende ou vivencia. Aulagnier argumenta que o controle absoluto da mãe sobre os pensamentos do bebê está relacionado à denegação (recusa) – por parte dela mesma, e posteriormente também por parte dele – de seu desejo de morte em relação a ele: se ele não pensar os pensamentos que ela lhe proíbe pensar, ele não saberá o que ela lhe proíbe saber, nem o que ela proíbe saber sobre si mesma. Não se trata de uma situação em que a criança está diretamente exposta ao desejo de morte explícito da mãe, mas de uma situação em que a representação internalizada da mãe na criança é a representação de alguém que deseja nascer através dela, e não a de alguém que deseja dá-la à luz como um sujeito diferenciado e soberano.

Nos termos de Aulagnier, Yan luta contra um objeto materno internalizado e devorador que tenta se apropriar de suas forças vitais e criativas. Esse não é um objeto materno que faz crescer, mas um objeto que deseja crescer por si mesmo, através da criança e às suas custas. Até as relações posteriores de Yan, mais maduras, são encenadas de acordo com esse padrão paradoxal, no qual sua união com o outro é ao mesmo tempo a única maneira de ele poder existir e o modo como sua existência é continuamente apagada.

Nesse contexto, as ideias de Aulagnier se relacionam com as de Laplanche (1987/1989). Segundo o autor, o que caracteriza o bebê humano ao chegar ao mundo é o desamparo, que, em uma situação normal, é compensado pela presença da mãe – ou pela presença de um objeto parental equivalente à mãe. A menos que se trate de uma situação catastrófica, as necessidades de preservação de si não são a questão central para o bebê, pois elas são facilmente atendidas dentro da orientação mútua entre o bebê e o adulto. No entanto, existe um “ruído na comunicação” que emana da assimetria fundamental entre o bebê e o adulto, independente da orientação prévia de um para o outro. Essa assimetria está relacionada com a sexualidade infantil recalcada do adulto,

que “mancha” os canais de comunicação e introduz o que tem de enigmático até nas mensagens mais simples do adulto para a criança. O bebê, portanto, precisa “digerir” o que foi implantado nele a partir desse momento, o melhor que puder, e a maioria dessas mensagens realmente passa por uma tradução que possibilita o desenvolvimento psíquico. Mas sempre restará um resíduo não digerido, que não pode ser traduzido. O inconsciente é feito dessas sobras que não podem ser assimiladas, sobras da falha na tradução da mensagem do outro, que portanto desafiam as leis do significado compartilhado. Essa é a sedução originária, consequência inevitável da assimetria das estruturas psíquicas do adulto e da criança. Laplanche distingue entre a sedução originária, que não é patológica, e o assédio da criança, que é a exploração deliberada da criança pelo adulto. No último caso, há uma inserção ativa do adulto de mensagens que não podem ser traduzidas pela criança e permanecem na psique como corpos estranhos, não apenas *indisponíveis* à digestão, mas também *opostos* a qualquer forma de digestão, funcionando como agentes antimetabólicos que bloqueiam ou retardam o desenvolvimento psíquico.

No mundo interno de Yan, essas mensagens não estão relacionadas com a sexualidade recalcada da mãe, mas com seu desejo de morte em relação a ele, um desejo que ele não tem permissão para entender, mas que também não pode recalcar. Essas mensagens recusam, dentro de seu mundo interno, o processo de tradução que Laplanche considera um processo evolutivo necessário, ou seja, bloqueiam todo o processo de pensamento e criação dele e sua própria subjetivação. Portanto, por um lado, ele se aprimora muito na tradução dessa mãe – na verdade, só a ela ele tem permissão para traduzir – e, por outro lado, ela é exatamente o objeto que ele é severamente proibido de traduzir até o fim. Assim, as mensagens que escaparam da tradução – as mensagens inconscientes maternas de morte em relação a ele – permanecem como objetos implantados, intrusivos, que não podem ser processados ou digeridos, e daí em diante agem sobre ele a partir de dentro.

No caso de Yan, há outra dimensão crítica para o não desejo da mãe em relação a ele. Como a mãe, sobrevivente do Holocausto, passou todos os anos de guerra como refugiada, movendo-se de um abrigo a outro, e de uma forma de disfarce a outra, ela foi uma criança à qual nunca foi permitido ser criança – parece que seu desejo inconsciente era recuperar sua infância por meio dele, ou seja, nascer novamente através de Yan, como a criança que ela mesma não pôde ser. Para recuperar sua infância e seu ser, ela de fato retirou completamente dele sua infância e sua singularidade. A cena inicial internalizada é, portanto, uma cena em que há uma proibição absoluta de sua existência como sujeito. O objeto materno internalizado é um objeto que impõe terror à linguagem e ao pensamento, um objeto que usurpa todas as forças criativas de Yan para si e as usa somente em benefício próprio. Essa é uma cena inicial na

qual não apenas não há um terceiro – não há nem mesmo um segundo: dentro da díade simbiótica entre Yan e sua mãe, ela é a única que tem o direito de ser o corpo falante.

A cena do jantar é um exemplo que nos abala pela proibição imposta a Yan de compreender ou traduzir o que ele está vivenciando: por um lado, é uma cena aparentemente falsa, uma cena em que a mãe força a criança a distorcer a percepção da realidade (ela afirma que ele já comeu, quando na verdade o privou de comida); por outro lado, é uma cena que revela exatamente a verdade proibida de ser traduzida, a verdade do seu desejo de morte em relação a ele. Essa dupla textura cria um ataque combinado tanto à capacidade de Yan de distinguir entre realidade interna e realidade externa, quanto à sua capacidade de distinguir entre verdade e mentira (pois a mentira externa da mãe acaba por tornar visível sua verdade interna). Hoje essa mistura entre o interno e o externo e entre a verdade e a mentira se reflete também na relação de Yan consigo mesmo. Assim, por exemplo, a sensação constante de que ele está enganando os alunos e ensinando coisas que ele mesmo não sabe, por um lado, confere ao conhecimento falso que ele tem um status de verdade; por outro, confere à verdade do conhecimento que ele realmente tem um status de mentira e fraude.

Pode-se pensar na linguagem parasitária adulta de Yan como um retorno ao terror introjetado, que foi direcionado à sua existência como sujeito falante. Assim como na infância a mãe exerceu terror sobre sua capacidade de pensar pensamentos próprios, na vida adulta ele novamente coloca objetos diferentes no papel de agentes do terror, e na verdade cria cenas repetidas nas quais esses objetos dominam seus pensamentos e o dominam, ou seja, se tornam parasitas nele. Com isso, por exemplo, ele estabelece relações com pesquisadores renomados em sua área de estudo e se oferece a eles como ghostwriter, o aprendiz que lhes serve e usa a sua inteligência brilhante para ajudá-los a realizar seus ensejos, sem que lhe deem nenhum crédito por isso. Da mesma forma, pode-se pensar em Yan como um tipo de parasita que usa os pensamentos e a linguagem dos outros para criar uma ilusão na qual ele se apresenta ao mundo como um corpo falante sofisticado e brilhante. A qualidade parasitária é, como se sabe, circular: no final das contas, ela cria relações nas quais um mantém relações parasitárias com o outro, que mantém relações parasitárias com ele.

Serge Leclaire, no livro *Mata-se uma criança* (1975/1998), afirma que, para ser sujeito ou se desenvolver como si mesmo, é necessário matar a imagem da criança aos olhos dos pais – a imagem que antecede o nascimento. Para alcançar a plena individualidade, devemos matar repetidamente a imagem fantasiosa de nós mesmos que nos foi perpetrada pelos nossos pais. Esse é um assassinato impossível, mas necessário, afirma Leclaire, pois não pode haver vida, pelo menos não uma vida de desejo e criação, se deixarmos

de matar essa criança, que sempre retorna. Quem não faz o luto da perda da criança que poderia ter sido permanece preso em um limbo de espera sem fim para ser essa criança. Ao mesmo tempo, quem se convence de que venceu esse tirano de uma vez por todas se desconecta de suas fontes de criação. Em outras palavras, a vida de desejo e criação depende desse luto incessante pela imagem da criança que poderíamos ter sido, e que precisamos matar repetidamente, vez após vez, para emergir de dentro dela. Onde morre essa criança, nasce o eu. Em outras palavras, para constituir um si mesmo, devemos libertá-lo das correntes da expectativa, talvez até das correntes do terror, impostas por aqueles que nos precederam. A imagem fantasmática que nossos pais têm de nós é por um lado inevitável – não há criança que nasça no mundo sem essa imagem que antecede a sua vinda –, e por outro lado ela constitui o muro que se ergue entre nós e nós mesmos, o muro que precisamos demolir para sermos nós mesmos.

A linguagem parasitária de Yan é uma linguagem que falhou, pode-se dizer, no trabalho de matar a imagem fantasmática de sua mãe em relação a ele: a mãe imaginava que o filho fosse a filha que ela foi, e Yan, em vez de matar essa imagem para nascer dela como ele mesmo, seguiu todas as regras estabelecidas por essa imagem e continuou a reforçá-la dentro de si. Mais tarde, esse padrão se generalizou, o que se reflete hoje em todos os seus relacionamentos com objetos adultos: ele facilmente se transforma na imagem de qualquer outro com quem ele cria uma ligação. Na verdade, essa é sua maneira de se ligar: identificar a imagem do outro em relação a ele e se tornar essa imagem. Nos termos de Leclaire, esse é um mecanismo maligno de negação patológica da própria subjetividade.

No passado (Amir, 2013), sugeri entender a linguagem do perverso como uma *linguagem camaleônica*, mediante a qual ele busca habitar os espaços do outro, ou seja, apropriar-se do outro escolhido e viver às suas custas ou sob sua proteção. A identificação das necessidades do outro feita pelo perverso não é uma identificação verdadeira da interioridade do outro. Trata-se de uma pseudoidentificação, baseada na sua capacidade de adotar as características linguísticas do outro, impedindo o outro de reconhecê-lo como estranho ou sentir-se invadido por ele. O poder do perverso está em sua habilidade de usar a linguagem de forma extremamente flexível e enganosa. Isso se refere não apenas à linguagem verbal, mas também à rica linguagem dos gestos corporais. O perverso adota a sintaxe do outro escolhido e a usa para capturá-lo, para fazê-lo agir, para paralisar os mecanismos que o identificam, às vezes tornando-o estranho até para si mesmo. O uso do outro não é para evitar a exposição própria, mas para conseguir a exposição do outro sem que este saiba. A infiltração perversa no outro ocorre através da falsa adoção simbiótica da linguagem desse outro, com a intenção inconsciente de paralisar

suas defesas. Não se trata de um plano de ação calculado, mas de um padrão de sobrevivência que provavelmente foi adotado pelo perverso nos estágios precoces do desenvolvimento. Em outras palavras, o perverso é uma criança que sobreviveu por meio de sua capacidade de decifrar os mapas psíquicos do outro e desenvolver mecanismos de identificação e apropriação muito sutis. Ele é uma criança que criou pseudorrelações de objeto com um objeto bloqueado, mediante sua capacidade de penetrar em personagens e sair deles, adotar papéis e trocá-los conforme o que ele identifica como desejo ou necessidade do outro, e mediante seu talento para preencher os espaços internos do outro como o ar – sem que ele seja percebido ou identificado como um corpo estranho dentro deles. Trata-se de um mecanismo sofisticado que cria para cada outro “escolhido” uma adaptação pessoal de um código sintático linguístico, corporal e emocional, um código que abre o cofre psíquico do outro sem precisar invadi-lo. A sintaxe perversa identifica e adota a impressão digital psíquica do destinatário escolhido e assim conquista uma posse dentro de sua alma – para ter controle sobre ela.

Ao contrário da linguagem camaleônica do perverso, a linguagem parasitária de Yan não consegue sequer produzir o desejo perverso de conquistar o outro. Enquanto a linguagem camaleônica do perverso é movida pelo desejo de se infiltrar nos espaços do outro e conquistá-los – ou seja, dominar o outro e torná-lo dependente, necessitado e ligado ao sujeito perverso através da ânsia que desperta nele –, a linguagem parasitária se infiltra na linguagem do outro como forma de sobrevivência mecânica e desprovida de prazer. Yan não é capaz de gerar nenhum desejo próprio, e a única maneira de ele experimentar o desejo é se apegar ao desejo do outro, que dentro da cena parasitária também se esvazia de qualquer característica pulsional e se transforma em um funcionamento mecânico, sem vida. Enquanto a repetição compulsiva que caracteriza a linguagem camaleônica do perverso gira em torno da *cena de conquista do outro*, a repetição compulsiva que caracteriza a linguagem parasitária gira em torno da *cena de apagamento do eu*. A compulsão à repetição está relacionada à rendição ao poder e ao desejo do outro, não à conquista desse outro e à sua dominação (como no caso do perverso).

Uma diferença adicional entre a linguagem parasitária e a linguagem perversa é que, ao contrário da linguagem perversa, que reconhece os desejos profundos do outro e se une a eles, a linguagem parasitária é uma linguagem que se acomoda nas estruturas abstratas do outro, ou seja, se conecta ao intelecto, antes das camadas externas da linguagem, porém permanece desconectada do núcleo profundo – tanto do outro quanto do próprio sujeito. Portanto, a experiência é de um vazio, mesmo quando aparentemente há um “capital” de pensamento.

A razão pela qual a proibição inicial nas relações parasitárias não se refere à linguagem intelectual, mas sim à linguagem pulsional, é dupla. Primeiro, a proximidade com as áreas pulsionais só pode ser criada quando o outro se dirige para as áreas da pulsão e da fantasia do sujeito infantil e, assim, confirma a existência delas. Segundo, quando o discurso inicial está completamente voltado para produzir uma desconexão entre a experiência e a palavra, como aponta Aulagnier, isso desvia o sujeito infantil do contato com áreas pulsionais e da fantasia, tanto no objeto quanto em si mesmo. A experiência de vazio de Yan está, portanto, ligada ao fato de que suas capacidades intelectuais se assentam sobre o vazio. O que falta é o núcleo profundo e vivo de onde o pensamento emerge e para onde ele retorna. Trata-se de uma estrutura bidimensional (Meltzer, 1975), que utiliza o outro de maneira parasitária e mecânica, como uma dimensão adicional que está ausente.

A infiltração dos vestígios traumáticos dentro da linguagem: o resgate como aniquilação, a aniquilação como resgate

Uma das ideias centrais cunhadas por Yolanda Gampel (1996, 2000), no contexto dos sobreviventes do Holocausto em particular, e dos sobreviventes de trauma coletivo em geral, é a de *identificação radioativa*. Esse termo descreve a penetração de aspectos violentos e destrutivos da realidade externa no arranjo psíquico, sem que o indivíduo tenha qualquer capacidade de se proteger de suas inseminações ou influências. A identificação radioativa inclui vestígios que não podem ser representados, mas que se enraízam no indivíduo. Assim como nos casos de exposição à radiação radioativa real, às vezes os rastros radioativos só surgem nas vítimas e em seus descendentes muitos anos depois. Nesse contexto, Gampel sugere que uma das manifestações dos “rastros radioativos” é a revelação surpreendente de crueldade que se caracteriza por traços de desumanização – crueldade que não é típica das ações e atitudes do indivíduo normalmente. Como as identificações radioativas provêm do inconsciente, elas não são objeto de lembrança: podem apenas ser acionadas ou o indivíduo ser acionado por elas.

Na cena inicial entre Yan e sua mãe, Yan se torna, de fato, o local de reciclagem das identificações radioativas da mãe. Esta, que exerceu sobre a criança um terror em que o pensamento lhe era proibido, de fato repete dessa forma tanto sua própria história de salvação (ao apagar-se e disfarçar-se de outra pessoa, ela foi salva da morte mais de uma vez) quanto sua história de morte. Tal qualidade combinada tornou esse mecanismo, que negava a subjetividade e a individualidade da criança, uma mistura maligna de mecanismo

de execução, em que a criança era apagada como sujeito autônomo, e mecanismo de salvação, tanto da mãe, que desejava viver através dele, quanto de Yan, que se tornava nessa cena um refugiado, para o qual a única forma de se salvar era desaparecer e se disfarçar como outro. Assim, houve uma ativação compulsiva do mecanismo de morte e salvação da mãe na psique da criança, que ao mesmo tempo se tornou aquele que foi apagado para se salvar, aquele cujo apagamento repetia o ato de morte da mãe, e aquele cujo apagamento representava uma correção do ato de morte da mãe por meio da reapropriação de sua existência, através do seu próprio apagamento.

Após cerca de três anos de análise, que Yan experimentou, na maior parte do tempo, como uma queda interminável em um vazio absoluto, sem âncora para se agarrar, começaram a aparecer os sonhos. Em um deles, Yan se tranca em uma câmara fria, de congelamento, e não consegue sair de lá. Ele tenta gritar, mas sente as palavras congelando em seus lábios, e não consegue articular vogais, apenas consoantes. Ele tenta pensar em uma forma de falar que não envolva vogais, mas descobre que tal forma não existe, e acorda. Esse sonho toca o âmago da fenomenologia da linguagem parasitária. É uma linguagem que não permite movimento psíquico e não produz movimento de pensamento, uma linguagem onde o aparato de pensar se torna uma espécie de “câmara de congelamento” (que preserva o desejo do outro como o único objeto e impede qualquer tipo de transformação em relação a ele), em vez de um espaço vital.

Além do conteúdo específico dos sonhos que ele tem, Yan sente pela primeira vez que está começando a viver uma vida psíquica. Em uma das sessões, ele me diz: “Quando eu sonho, acontecem duas coisas: eu sei que estou vivo, e sei que estou dizendo a verdade”.

Seria possível pensar no próprio ato de sonhar como o processo de “descongelamento” da câmara fria de pensamento? Como uma nova reivindicação de Yan sobre sua alma e seus pensamentos?

No livro *Quem é o sonhador que sonha o sonho* (2000), Grotstein divide o sonho, ou o trabalho de sonhar, em duas funções. A primeira, ele chama de “o sonhador que sonha o sonho”; a segunda, de “o sonhador que compreende o sonho”. Ambos, o sonhador que sonha o sonho e o sonhador que compreende o sonho, participam da sensação de ser-eu, afirma Grotstein. Como resultado da internalização dessa dupla, se desenvolve na psique a função que Grotstein chama de “o analista internalizado dentro de cada um de nós”. Esse é José, o sonhador, argumenta Grotstein, José que nos oferece uma perspectiva de verdade sobre nós mesmos e o mundo.

Nos termos de Grotstein, ao longo dos anos de sua infância, foi negada a Yan não apenas a possibilidade de ser o eu espontâneo que o autor chama de o sonhador que sonha o sonho (já que Yan só podia sonhar os sonhos da mãe),

mas também a possibilidade de ser o sonhador que compreende o sonho (uma vez que lhe era proibido compreender completamente até o sonho da mãe, ou seja, o único sonho que lhe era permitido sonhar). Como resultado, ele não teve acesso nem à experiência do significado nem à vivência da verdade. Tanto as relações objetais posteriores quanto as relações de tratamento anteriores foram encenadas por ele de maneira destrutiva, sob as mesmas regras em que o desejo do outro se torna o único objeto, e a repetição compulsiva gira em torno do colapso da posição onipotente e mágica, na qual ele reconhece esse desejo de modo brilhante e preciso, para a posição impotente, onde ele é aniquilado enquanto se transforma nesse desejo. Repetidamente eram reavivadas as relações parasitárias bidirecionais, nas quais ele usava o outro para existir e, simultaneamente, era apagado por ele.

O grande perigo no trabalho analítico com Yan estava, portanto, relacionado ao engano essencial que acompanha toda descoberta de desenvolvimento ou vitalidade: dado que o maior desejo de todo terapeuta, e certamente de todo psicanalista, é um paciente sonhador, o despertar de Yan, o sonhador, suscitou a pergunta inevitável quanto a se estávamos diante de um processo natural e vivo de sonho, ou se se tratava de uma ilusão dentro da qual ele sonha meus sonhos – ou sonha para realizar meus sonhos – e é paradoxalmente apagado como sonhador justamente por isso. Diferentemente da abordagem habitual do sonho como “portador da verdade”, ou seja, como uma criação espontânea do inconsciente, no caso de Yan não era impossível pensar que o ato de sonhar também estivesse relacionado ao seu esforço de se conectar com o meu desejo e repetir a cena de apagamento da sua própria subjetividade por meio disso. O que emergiu daí foi um paradoxo trágico, em que os sinais de vida e os sinais de morte eram idênticos entre si, ou seja, fenômenos como o sonho, o pensamento criativo e o desejo podiam sinalizar, simultaneamente, tanto um processo de nascimento quanto um processo de aniquilamento.

Como trabalhar em um ambiente cujo traço mais marcante é o engano? Será que, quando Yan diz “Quando eu sonho, estou dizendo a verdade”, ele está realmente dizendo a verdade? Ele está realmente sonhando?

A única maneira de trabalhar com esse engano – e apesar dele – era interpretá-lo repetidamente. Assim, toda vez que Yan trazia um sonho para a sessão, o trabalho analítico não se limitava apenas ao conteúdo específico do sonho, nem apenas à sua capacidade de sonhar, mas incluía a maneira como o sonho podia ser constituído ao mesmo tempo por algo através do qual ele tanto nascia quanto era aniquilado. Encarar o ato de sonhar apenas como sinal de vida seria, no caso de Yan, repetir a cena do jantar dentro do tratamento – ou seja, privá-lo de comida enquanto eu lhe dizia que já tinha sido alimentado, ou iludi-lo com a ideia de que estava sendo tratado quando na verdade estava sendo repetidamente excluído do processo terapêutico. Por outro lado,

tratar o sonho apenas como sinal de morte também seria uma perda trágica da oportunidade de reconhecer, justamente, os brotos do sonhador que emergiam genuinamente das ruínas.

Yan é um caso extremo da linguagem parasitária. Contudo, a partir desse caso extremo, é possível pensar sobre áreas da linguagem parasitária dentro da linguagem comum – áreas em que a linguagem se infiltra e se instala nos espaços da linguagem do outro e realiza, ao mesmo tempo, uma espécie de ação dupla, de revitalização e de morte. A sensibilidade a essas áreas e à forma como elas operam na dupla analítica é importante precisamente por causa da ambiguidade que as caracteriza: uma união quase inseparável entre sinais de vida e sinais de morte.

Diante dessa união, o único poder discernente reside na caixa de ressonância da contratransferência, que reage de formas diferentes, às vezes opostas, aos materiais que ativam qualidades mortíferas em contraste com materiais vivos e vivificantes. Por exemplo, descobri que reajo de maneira completamente diferente a sonhos que percebo conterem em sua forma o que Yan entende como minhas necessidades, em oposição a sonhos que percebo emergindo de um despertar espontâneo dele em relação a si mesmo. Nem sempre a distinção é clara, mas o simples fato de questioná-la tem um significado crítico. O trabalho analítico, portanto, precisa realizar aqui o impossível: servir como um nivelador vivo, que medeia e equilibra os polos da vida e do congelamento; sustentar simultaneamente – mas com uma distinção constante entre eles – o conhecimento da armadilha da morte e o reconhecimento de que aquele que morreu tantas vezes e continua a pedir por sua alma também está contando algo verdadeiro sobre a força invencível da vida que reside dentro dele.

Lenguaje parasitario

Resumen: La autora aborda el fenómeno del lenguaje parasitario. Se trata de un lenguaje que parasita las estructuras lingüísticas del otro, creando así una doble manifestación de omnipotencia e impotencia; un lenguaje que forma una especie de “prótesis” lingüística que, por un lado, permite una falsa apariencia de pensamiento y lenguaje y, por otro, posiciona los pensamientos como objetos extraños que no pertenecen al sujeto hablante, sino que están “pegados” a él de forma mecánica y artificial. Las raíces tempranas de este lenguaje, como se demostrará a través de un caso analítico detallado, están asociadas a la infiltración de huellas traumáticas transgeneracionales en el lenguaje, lo que transforma el propio lenguaje en una arena de compulsión de repetición que escenifica simultáneamente actos de salvación y aniquilación.

Palabras clave: lenguaje parasitario, trauma transgeneracional, omnipotencia, perversión

Parasitic language

Abstract: The author discusses the phenomenon of parasitic language. It is a language that parasitizes the linguistic structures of the other, thus creating a double manifestation of omnipotence and impotence; a language that forms a kind of linguistic “prosthesis”, which, on the one hand, allows a false appearance of thought and language and, on the other hand, positions thoughts as foreign objects that do not belong to the subject who speaks, but are “glued” to him in a mechanical and artificial way. The early roots of this language, as will be demonstrated through a detailed analytical case, are associated with the infiltration of transgenerational traumatic traces into language, which transforms language itself into an arena of repetition compulsion that simultaneously stages acts of salvation and annihilation.

Keywords: parasitic language, transgenerational trauma, omnipotence, perversion

Langage parasite

Résumé : L’auteur traite du phénomène du langage parasite. Il s’agit d’un langage qui parasite les structures linguistiques de l’autre, créant ainsi une double manifestation d’omnipotence et d’impuissance ; un langage qui forme une sorte de « prothèse » linguistique qui, d’une part, permet une fausse apparence de la pensée et du langage et, d’autre part, positionne les pensées comme des objets étrangers qui n’appartiennent pas au sujet parlant, mais qui lui sont « collés » d’une manière mécanique et artificielle. Les premières racines de ce langage, comme nous le démontrerons à travers un cas analytique détaillé, sont associées à l’infiltration de traces traumatiques transgénérationnelles dans le langage, ce qui transforme le langage lui-même en une arène de compulsion de répétition qui met en scène simultanément des actes de salut et d’anéantissement.

Mots-clés : langage parasite, traumatisme transgénérationnel, omnipotence, perversion

Referências

- Amir, D. (2013). The chameleon language of perversion. *Psychoanalytic Dialogues*, 23, 393-407.
- Aulagnier, P. (2001). *The violence of interpretation* (A. Sheridan, Trad.). Routledge. (Trabalho original publicado em 1975)
- Bion, W. R. (1959). Attacks on linking. *The International Journal of Psychoanalysis*, 40, 308-315.
- Bion, W. R. (1962a). *Learning from experience*. Basic Books.
- Bion, W. R. (1962b). The psychoanalytic study of thinking. *The International Journal of Psychoanalysis*, 43, 306-310.
- Bion, W. R. (1970). *Attention and interpretation*. Tavistock.

- Gampel, Y. (1996). The interminable uncanny. In L. Rangell & R. Moses-Hrushovski (Orgs.), *Psychoanalysis at the political border* (pp. 85-98). International Universities Press.
- Gampel, Y. (2000). Reflections on the prevalence of the uncanny in social violence. In A. Robben & O. Suárez-Orozco (Orgs.), *Cultures under siege: collective violence and trauma in interdisciplinary perspectives* (pp. 48-69). Cambridge University.
- Grotstein, J. S. (2000). *Who is the dreamer who dreams the dream?* The Analytic Press.
- Laplanche J. (1989). *New foundations for psychoanalysis* (D. Macey, Trad.). Blackwell. (Trabalho original publicado em 1987)
- Leclaire, S. (1998). *A child is being killed* (M.-C. Hays, Trad.). Stanford University. (Trabalho original publicado em 1975)
- Meltzer D. (1975). Dimensionality as a parameter of mental functioning: its relation to narcissistic organization. In D. Meltzer, J. Bremner, S. Hoxter, D. Weddell & I. Wittenberg, *Explorations in autism* (pp. 223-238). Clunie.
- Ogden, T. H. (2016). On three types of thinking: magical thinking, dream thinking, and transformative thinking. In T. H. Ogden, *Reclaiming unlive life: experiences in psychoanalysis* (pp. 17-46). Routledge. (Trabalho original publicado em 2010)

Tradução do hebraico: Daniel Delouya

Recebido em 15/1/2025, aceito em 29/1/2025

Dana Amir

dana.amir2@gmail.com

doi: 10.69904/0486-641X.v59n1.08